

ZECA BALEIRO

No talento da embolada



O maranhense Zeca Baleiro, uma das grandes sensações do momento na música brasileira, esteve de passagem recentemente pela Europa e concedeu uma entrevista para Tópicos.

Tópicos: *Você teve o privilégio de poder contar com Gal Costa como divulgadora da sua música para o Brasil inteiro. Como nasceu esse contato com ela e como ela ficou conhecendo o seu trabalho?*

Zeca: Foi um contato muito casual. No meu primeiro disco, "Por Onde Andará Stephen Fry", eu gravei a canção "Flor da Pele" em que eu faço uma citação do "Vapor Barato", um clássico da Gal nos anos 70. Nesta mesma canção eu sampleei a voz dela cantando um trecho da canção. E quando ela resolveu fazer o "Acústico" para MTV, ela pensou em fazer uma espécie de antologia, um "the best of" da obra dela. E o "Vapor Barato" estava no repertório. Então ela me convidou, para retribuir a homenagem e também para dar as "boas vindas" à uma nova geração de músicos brasileiros da qual eu faço parte. Foi um encontro importante para mim e acho que para ela também. Isso deu um impulso impressionante para a minha carreira.

Tópicos: *Seu segundo disco já saiu com uma tiragem inicial surpreendente, se comparada ao seu álbum de estréia. Como você vem avaliando a penetração do seu trabalho no Brasil com este novo CD?*

Zeca: A minha trajetória tem sido muito particular. Não teve nenhum grande "boom", rolou tudo muito gradualmente.

O primeiro disco foi ganhando espaço devagarinho, vendeu 80 mil cópias, o que no segmento de música pop no Brasil hoje é uma marca muito boa, e aí veio este segundo, no qual a gente vem trabalhando direto e que já vendeu 50 mil cópias. Enfim, a gente tem trabalhado muito na formação de público, viajando muito, indo a certos lugares às vezes em condições não muito favoráveis e agora, dois anos depois que o primeiro disco saiu, já está dando para notar um bom resultado.

Tópicos: *Você foi um dos maiores entusiastas do projeto de resgate da obra de Sérgio Sampaio, conduzido por Sérgio Natureza e que já rendeu um disco e alguns shows maravilhosos no Rio de Janeiro. Como se deu o seu envolvimento com o Sampaio, autor da inesquecível "Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua"? Inclusive uma das melhores faixas do "Vô Imbolá" é da lavra dele, a "Tem que Acontecer". Parece que você chegou a conhecê-lo pessoalmente...*

Zeca: Eu sempre fui um grande fã de Sérgio Sampaio. Em 89, quando eu estava de passagem pelo Rio, eu encontrei o Sérgio numa festa no Circo Voador e a gente bateu um papo e bebeu umas cervejas. Foi numa época em que eu era, junto com outros amigos, editor de uma revista cultural do Maranhão chamada "Um Degrau". Eu pensei que Sérgio Sampaio poderia ser o primeiro entrevistado da revista. Meses depois, a gente o entrevistou, mandando um cassete com umas perguntas para ele e foi muito interessante. Quando Sérgio Natureza teve a idéia de fazer o tributo a ele, com a participação de vários nomes (Nota do redator: Chico César, João Nogueira, Luiz Melodia, Lenine, Renato Piau, Zizi Possi...) e me convidou, eu fiquei muito feliz em poder participar, porque eu conhecia várias composições do repertório dele e acabei gravando a "Tem que Acontecer".

Tópicos: *Que é uma balada linda, uma das muitas pérolas deixadas pelo Sampaio. Mas o que você achou particularmente deste primeiro disco-tributo a ele, uma vez que o projeto "O Balaio do Sampaio" continuará acontecendo?*

Zeca: Salvo todas as grandes dificuldades que eu sei que o projeto enfrentou para que ele se realizasse, eu acho "O Balaio do Sampaio" um disco feliz pela própria iniciativa – a de fazer um disco de um compositor inacessível, difícil, embora eu acho que a obra dele seja super popular. Por várias razões, a obra dele ficou

guardada por muito tempo. Eu acho que é um resgate muito interessante e que poderia ser feito com muitos outros compositores brasileiros que têm ou tiveram esta dificuldade de chegar às vias "normais" do mercado, aos meios de comunicação e de produção.

Tópicos: *Quando Chico César lançou seu primeiro trabalho, o "Aos Vivos", ele era uma produção independente que a Velas acabou adotando quando tudo já estava pronto. Com o seu "Por Onde Andará Stephen Fry" foi diferente? Como você chegou até a MZA do Mazolla?*

Zeca: Eu gravei um CD demo, bancando a produção que foi muito modesta, quase precária, mas que já dava pistas do que era o trabalho. Aí quando estava pronto, levei às gravadoras até que finalmente em 96 a MZA se interessou pelo projeto e regravamos todo o disco. Aproveitamos uma ou outra coisa, mas ele foi quase que todo regravado.

Tópicos: *Que tipo de influência o reggae teve sobre a sua musicalidade, sobre a sua formação? Você curte, escuta muito Bob Marley ou Peter Tosh?*

Zeca: O reggae no Maranhão é um fenômeno. Nos anos 60 já se ouvia reggae por lá, antes dele ser conhecido em qualquer outro canto do Brasil. Tudo começou na periferia, nos arredores de São Luís, e foi chegando no seio da cidade. A classe média o adotou, criaram-se salões de reggae e isto virou um hábito cultural da cidade. Eu frequentei isso por muito tempo, na época em que eu morava lá e eu gostava muito, compus muitos reggaes, mas eu nunca quis que meu nome fosse associado exclusivamente ao reggae.

Tópicos: *Você já chegou a comentar que tinha intenção de lançar uma versão ao vivo do "Vô Imbolá". Você não tem receio deste disco chegar num momento em que o mercado fonográfico está completamente saturado de discos registrados em palco?*

Zeca: É, hoje em dia se faz muitos discos ao vivo, mas eu acho que mesmo usando alguns recursos gastos como a gravação ao vivo, eu acho que se pode inovar neste aspecto. Eu, particularmente, gosto muito do show que a gente tem feito com a divulgação deste último disco. Acho que isso pode trazer também coisas novas para esse contexto do disco ao vivo. O estúdio é um espaço muito bom de se trabalhar, mas é também um espaço onde você não pode reproduzir a mesma vibração, o mesmo calor que rola no palco. ■

Felipe Tadeu Brasilcult@aol.com